

## NAS TRILHAS DO “GRANDE SERTÃO: VEREDAS” – INTERPRETANDO SEUS ESPAÇOS E LUGARES

Solange T. de Lima Guimarães\*

*Sei o grande sertão? Sertão: quem sabe dele é urubu, gavião, gaivota, esses pássaros: eles estão sempre no alto, apalpando área com pendurado pé, com olhar remedindo a alegria e a misérias todas... Nessas e noutras muito extremadas coisas eu tornava a pensar, o espírito em meia-mão, por diante permeio os outros meus entretenimentos de-verdade.*

- João Guimarães Rosa, *Grande Sertão Veredas*, (1985:537).

Neste texto, sob o enfoque da Geografia Humanística, buscamos na Literatura Regional os recursos para um estudo sobre percepção e interpretação ambiental, enfocando as experiências ambientais concernentes à construção do sentido de espaço e lugar no romance de Guimarães Rosa, “*Grande Sertão: Veredas*”. Ao considerarmos as andanças do personagem Riobaldo pelas trilhas desta paisagem, conseguimos identificar interfaces da construção e da dimensão geossimbólica pertinentes às diferentes realidades ambientais encontradas no estado de Minas Gerais, Brasil.

Assim, estas andanças nos conduzem por entre vários pontos, pois “*os caminhos não acabam*” (GS;V, 1885: 67). Nem sempre aquele cenário que esperávamos alcançar, afinal no sertão tudo é possível e inesperado, não obedecendo aos nossos mandos e desmandos e, além disso, “*os Gerais desentendem de tempo*” (GS:V, 1985:103). Contudo, é sempre um ponto de chegada, uma pausa a mais durante toda a travessia, sendo o escritor e o personagem partes deste sertão e graças às suas percepções e interpretações deste espaço vivido, surpreendemo-nos pelos níveis de consciência, significando o “*conjuntamente-conhecer*”, como em cumplicidade tácita e certa com a paisagem, alcançando a “*terceira margem do rio*”, segundo Guimarães Rosa, em suas reflexões sobre a compreensão e apreensão dos sentidos télico e êidico, tendo como mundo vivido o sertão dos Gerais

Durante todo o processo de leitura geográfica do romance “*Grande Sertão: Veredas*”, uma verdadeira travessia pelas paisagens dos Gerais, registramos níveis informacionais e experienciais que influenciam e reestruturam nossa cognição, percepção e interpretação das unidades paisagísticas descritas pelo escritor através do seu personagem principal, Riobaldo, tanto nos seus aspectos fenossistêmicos quanto criptossistêmicos. Uma questão permeia pelas entrelinhas do romance – o que é o sertão: um espaço ou um lugar? Ou ainda, *um grande espaço pontilhado por muitos lugares?*

Ao analisarmos estas indagações, somos levados, em uma primeira instância a observar como o sertão, do ponto de vista de espaço e/ou lugar, se apresenta para Riobaldo, partindo de suas experiências concernentes à paisagem concreta e interiorizada numa síntese de suas ambiências e refletidas em suas idéias, imagens e concepções de mundo vivido sobre este mesmo sertão. Isto implica que devemos considerar também a variabilidade das interpretações destas mesmas experiências ambientais, desde a dimensão geográfica até a psicológica, que expressa um estado íntimo de ser, ou de agir, justificando suas atitudes e condutas nos diferentes contextos paisagísticos do Grande Sertão.

Deste modo, a paisagem sertaneja rosiana nos apresenta perspectivas para outras travessias geográficas, por entre paisagens exteriores e interiores, ao nos mostrar um sertão que assume inesperados significados e ressignificados, evocando para o personagem, ora o sentido de lugar, ora o de espaço.

*Lugar/Sertão*, ao representar um espaço conhecido de forma topofilica ou topofóbica, valorizado em suas paisagens naturais e construídas, território demarcado, personalizado mediante as vivências de Riobaldo/Rosa, possuidor de uma aura que atrai ou repele, mas envolve e protege ao resguardar as dimensões da paisagem vivida, criando ambiências, gerando pausas seqüenciais para os movimentos maiores da Vida.

*Espaço/Sertão*, representando um mundo desconhecido em sua amplidão geográfica: paisagens de liberdade e de aprisionamento, de obstáculos e livres travessias, quase um labirinto de serras, rios, veredas, cerrados, chapadas e chapadões, sem nomes ou aceitando todos os nomes, conforme o querer de cada viajante que percorra este mundo sertanejo no traçado dos seus próprios percursos. Onde se perder e se encontrar em seus espaços torna-se uma questão de exercício e de manobras cotidianas num tempo que requer, que exige para a sobrevivência (ou o *sobre-viver*) o domínio absoluto do movimento seqüencial ágil dos segundos e minutos ou das horas, em suas travessias, numa lentidão que nestas paisagens pouco significa para a continuidade da própria vida.

O *sertão* conhecido, percebido, interpretado e representado por Guimarães Rosa através de Riobaldo, nos leva a um outro ponto em uma outra margem, prontos para uma travessia maior pelas suas paisagens sertanejas, isto é, à reflexão do sentido de *espaço* e *lugar* durante a “*estória*”, transcendendo e transformando a dimensão da realidade concreta do local geográfico, em travessias abstratas, numa expansão contínua por territórios dimensionados na universalidade dos significados próprios e únicos da condição humana.

Às relações derivadas do conhecimento e da experiência ambiental, devemos acrescentar aspectos de natureza subjetiva, não-tangíveis, e de acordo com Tuan (1983:6), “*o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor*”. Portanto, a partir das perspectivas vislumbradas pela experiência com o entorno, a noção abstrata de “*espaço*” vai-se transformando, à proporção que nossos conhecimentos direto, íntimo e familiar ou

indireto e conceitual se ampliam, até que as exterioridades do espaço se transformem nas interioridades de um lugar, mediante aproximações, mesclando razão e emoção: campo de diálogos, campo de visibilidades e campo de afetividades.

Esta situação torna o ambiente circundante um lugar conhecido ou reconhecido (através de processos de ressignificação), descoberto ou redescoberto, mas percebido e interpretado sob a influência de múltiplas vivências ambientais, conforme as condições objetivas e subjetivas que o personagem esteja experienciando, propiciando assim a renovação constante das percepções e da atribuição de contextos simbólicos e de suas respectivas representações e projeções na paisagem – relações dialógicas dos homens e com suas paisagens.

Esta renovação contínua do sentido de *espaço* e de *lugar*, tanto em termos da duração relacionada à nossa capacidade de apreender e conhecer, como de experienciar, sentir e identificar-se com um espaço ou um lugar, nos conduz aos aspectos temporo-espaciais, seja através das evocações de imagens de um passado, ou das imagens que revelam anseios, sonhos e necessidades, desejadas para o presente ou projetadas para o futuro.

Deste modo, com o passar do tempo de nossas vidas, alguns espaços passarão a ser lugares, considerando-se as nuances topofílicas ou topofóbicas que possam assumir, com aura e identidades paisagísticas próprias, construídos a partir de mediações estabelecidas pelos símbolos que inscrevemos nas paisagens exteriores, tornando possível o acesso às paisagens interiores, através de sentimentos, emoções, pensamentos, lembranças, concepções e visões de mundo, interferindo em nossas experiências individuais e coletivas referentes aos espaços transmutados em lugares, ou seja, o *movimento* convertido em *pausa*, na visão de Tuan (1983). Sob esta visão, “podemos dizer que a percepção de uma paisagem é uma questão de olhos e coração, isto é, campo de visão e campo de afeição, de olhar e sentir o espaço e sentir este mesmo espaço.” (LIMA, 1990:74)

### ***Pausa e Movimento...***

Ao partirmos do tema *pausa* e *movimento*, temos sob perspectiva a idéia expressa por Tuan (1983:153) de que “*lugar é uma pausa no movimento*”, sendo justamente esta pausa a origem dos sentimentos que criam, estruturam e valorizam o sentido de lugar para os seres humanos, tanto em relação à construção de sua própria identidade individual e coletiva quanto ao sentido de pertinência e de enraizamento.

Este sentimento relativo ao lugar enraíza-se ou não nas pessoas, apresentando intensidades e significados que se transformam ao longo dos anos em expressões marcadas pela afetividade que as levam a agir e reagir ou não-agir sobre o meio ambiente, influenciadas em parte pelo modo de perceber, interpretar, avaliar e valorar os resultados de suas experiências com o espaço vivido.

Através das pausas, curtas ou longas, repentinas ou minuciosamente planejadas, o espaço movimentante, desconhecido, sem nenhuma aura ou identidades especiais, vai progressivamente ganhando significados e assumindo valores, numa interação de diferentes forças e relações de identidades e alteridades. Estes processos de significação e de valoração transformam simples locais, onde suas paisagens mais comuns são consideradas por muitos como irrelevantes ou insignificantes em termos de visibilidade, recurso ou atrativo cênico, em um conjunto mais amplo, ou sob outros aspectos, em pontos de extremo interesse, envolvências ou atração, caracterizando o espírito do lugar – o “*genius loci*”.

Nestes pontos, nestes lugares, sentimentos são exteriorizados mediante a presença de geossímbolos que impregnam cada recanto da paisagem, propiciando um novo experimentar, mediante permanências valorizadas fundamentalmente, em razão crescente de intensidade e intimidade, gerando referenciais simbólicos em relações diretas e indiretas com os processos sócio-culturais e geográficos particulares às realidades desta mesma paisagem.

Assim, um lugar ou o sentimento por um lugar, sejam topofílico ou topofóbico, podem ser desenvolvidos, influenciados e incentivados sob infinitas formas, apresentando-se para Tuan (op.cit,156), como “*transitórios e pessoais*”, de conformidade com o poder de permanecerem gravados em nossa memória e que, ao serem evocados, nos levam a um verdadeiro reencontro com os nossos espaços vividos, isto é, com os espaços ou os lugares que fizeram e fazem parte dos cenários de nossas histórias de vida.

Este reencontrar a paisagem de maneira emocional, interiorizada, nos conduz à reflexão e ao reconhecimento sobre o valor e o significado dos espaços e dos lugares para os indivíduos e suas coletividades. Na verdade, esta é uma busca da essência da paisagem, que, ao ser procurada, transmuta, transforma o mesmo em um lugar especial para cada um de nós, sendo fundamental para nossa existência humana.

Neste sentido, os acontecimentos, as experiências e o tempo, o ambiente e as ambiências são reunidos num profundo sentimento que nos sensibiliza e se modifica dia após dia, instante após instante, numa síntese de todos os seus ínfimos detalhes e aspectos e que constituem a real essência do espaço vivido, envolvendo, acolhendo, a um só tempo, o *ser* e o *ter*, os nossos sentidos e sentimentos bem como nossas vivências. Enfim, abarcando ainda o coexistir e o conviver dos homens por entre diferentes espaços e lugares.

Entretanto, a comunicação dos sentimentos relativos à experiência com os lugares de significância durante o decorrer de nossas vivências na maioria dos casos se torna difícil de ser expressa e interpretada. Por algumas vezes, até mesmo a compreensão imediata foge de nosso conhecimento, obscurecida, enevoada pelas circunstâncias das realidades dos diferentes momentos, quando as imagens mais pessoais que existem no âmago de cada ser não conseguem ser facilmente descritas apenas com a articulação das palavras de um idioma. Nem a experiência pode ser compartilhada com as

mesmas sensações por outros indivíduos, devido às atitudes ou condutas culturais particulares e que influenciam, em sua complexidade, a transmissão e a comunicação destas mesmas experiências em sua autenticidade ou não, gerando interpretações variadas em conteúdos e imagens, ou até mesmo equivocadas.

Algumas vezes, como no exemplo da Literatura, as experiências com o meio ambiente ganham formas universais, que permitem níveis de visibilidade sensíveis e criativos segundo a capacidade descritiva e de originalidade de cada escritor, tornando as mesmas acessíveis, conhecidas e compartilhadas por muitas pessoas, ainda que de modo indireto, através dos processos da imaginação e da construção de abstrações.

Esta acessibilidade aos conhecimentos, percepções e interpretações durante o compartilhar destas experiências ambientais contribui para enriquecer as formas de apreensão e compreensão de uma paisagem, alargando as fronteiras do conhecimento imediato, direto e pessoal do meio ambiente para os horizontes da apreensão conceitual e simbólica, permitindo que um espaço ou lugar existam e sejam compartilhados em diferentes graus de intensidade e dimensionamento, garantindo a permanência e visibilidade de suas imagens.

E assim, porque os pensamentos e os sentimentos criam e recriam distâncias, reorganizando e ressignificando nossas experiências ambientais através dos significados das lembranças e aprendizados, em instantes de reflexão, nós resgatamos o valor do espaço vivido e os simbolismos de suas paisagens exteriores e interiores. Desta forma, a travessia pelo sertão rosiano dos Gerais, com o objetivo de perscrutar até onde ou quando este sertão é percebido, interpretado como um espaço ou lugar, de acordo com as experiências compartilhadas pelas narrativas de Riobaldo, nos revela ambiências exclusivas e, simultaneamente universais, pertinentes ao Grande Sertão e às suas Veredas.

Portanto, em primeiro lugar observamos que toda a história de vida de Riobaldo se desenrola no sertão dos Gerais: sertão-geográfico, real, concreto, delineado pelo domínio paisagístico correspondente aos chapadões recobertos por cerrados e penetrados por florestas galerias no estado de Minas Gerais, Brasil, onde predominam modelados com maciços planaltos de estruturas geomorfológicas complexas e planaltos sedimentares compartimentados, com rios perenes em sua maioria e alguns cursos intermitentes, sendo que a vegetação se apresenta variando nas fisionomias de cerrado, cerradões e florestas galerias e buritizais.

Cabe também destacar aqui que a região geográfica do Grande Sertão possui como característica a presença de padrões regionais intranucleares diversificados em função das condições de clima, topografia, litologia, pedologia, etc, constituindo-se numa paisagem sertaneja única, singular, quando comparada com outras áreas de sertão brasileiras. (AB' SABER, 1971: 1-14). Este mesmo sertão é transposto no romance por Guimarães Rosa sob uma visão poética e filosófica que transcende, resguardando em suas entrelinhas (ou *entre paisagens?*), dimensões reflexivas profundas concernentes às drásticas condições deterministas e presentes no cotidiano sertanejo, às inquiuições

sobre as continuidades e discontinuidades da Vida, em seu caráter metafísico – presente na tessitura das histórias de vida apresentadas na narrativa.

Em segundo lugar, este modo reflexivo de vivenciar o sertão leva o personagem a expressar sua idéia e suas concepções sobre a paisagem e sua própria visão de mundo, porém, sob diferentes prismas, associados ao tempo e à afetividade, sem perder, contudo, a permanência de uma identidade mais abrangente e duradoura que permite humanizar as paisagens do Grande Sertão. Cada *pausa*, em cada parada de Riobaldo neste espaço sertanejo dos Gerais, se converte em um centro de significados de suas inquietações, perplexidades e indignações mais íntimas, e o sertão assim interpretado, se traduz em espaço ou lugar conforme os diferentes contextos do desenrolar da narrativa dos fatos de sua vida.

Este sertão não se revela tão paradoxal assim, quando travamos um contato mais profundo com sua dimensão de mundo vivido, pois segundo Relph (1979:3), é um *“mundo de ambigüidades, comprometimentos e significados no qual estamos inextricavelmente envolvidos em nossas vidas diárias, mas o qual tomamos por muito certo”*. Desta forma, o sertão dos Gerais é uma realidade vivenciada sob inúmeras faces, quer objetivas, quer subjetivas, concretas ou imaginárias, entretanto, como mundo vivido, não se torna claro em seus significados, sofrendo interferências, gerando interpretações semelhantes ou completamente opostas, e até mesmo antagônicas, revelando suas comunidades de conflitos.

Como conseqüência, deparamos ainda com o desenvolvimento de reinterpretções que reconhecem a complexidade e a pluralidade dos aspectos da experiência ambiental, em sua gama de imagens, variações e interfaces, constituindo-se num sistema de imbricadas relações entre os seres humanos e suas paisagens. Neste romance rosiano, o sertão como espaço vivido e/ou mundo vivido é estruturado e ordenado distintamente, sendo (re-)interpretado de vários modos por Riobaldo, como espaço, lugar e paisagem, tanto nos domínios do real como no do imaginário, mas sempre como um sertão de espaços que devem ser atravessados, originando imagens propiciadoras dos geossímbolos concernentes à Vida ou à Morte.

As simbologias inscritas nas paisagens do Grande Sertão, de forma permanente ou mutável, parecem acompanhar os ritmos e os ciclos da Natureza e os da vida humana em relação às mudanças dos modos de ser e dos propósitos do personagem, em aproximações interativas, evidenciando interdependências essenciais. A relação entre Riobaldo e o sertão enquadra-se na conceituação de espaço geográfico que, segundo Relph (1979:12):

*É uma fusão dos espaços da superfície, telúrico, água, ar e construção com os espaços da imaginação e projeção. É sempre um espaço rico e complexo que é ordenado com referências às intenções e experiências humanas, porque estamos imersos e prolongados no espaço através de nossas ações e percepções. Não há nada obscuro ou abstrato nisso, porque é parte da experiência de todos os dias.*

Através da narrativa de Riobaldo, podemos sentir e perceber que o sertão vivenciado pelos personagens como espaço vivido se constitui, conforme este autor, em espaços geográficos “*únicos e não-únicos, persistentes, porém, mutáveis, parte de nós, porém aparte de nós*”, conhecidos e onde não residem contradições. No espaço geográfico apresentado como cenário do romance, encontramos singularidades superficiais e profundas, em razão das realidades espaço-temporais que constituem os cenários das experiências ambientais, pertinentes aos sentimentos de topofilia, topofobia, hidrofília e biofilia que se encontram relacionados à paisagem.

Estas experiências ambientais, ao permitirem a criação e estruturação destas relações, abrangendo as paisagens, se constituem em verdadeiros cenários construídos por intermédio de uma carga de significados que dizem respeito tanto às vivências diárias como às excepcionais, pois para Relph (1979:13), “*não há experiência ambiental que não seja, em algum sentido e em algum grau, uma experiência de paisagem*”. Sob esta ótica, o Grande Sertão é um espaço que abriga variações paisagísticas não só naturais, mas também psicológicas, unidas, entrelaçadas internamente, onde, mais uma vez, se registram dinâmicas interativas e reativas nem sempre visíveis, porém impregnadas de significados que se alteram, se transformam em diferentes momentos da saga rosiana. Estas alterações e transformações ocorrem em termos de processos de dominância, pertinência e associação, de acordo com as sensações, emoções ou os sentimentos despertados pelas experiências e envolvimento de Riobaldo com seu espaço, lugares e paisagens sob as dimensões do “vivido”.

Deste modo, pelo estabelecimento das relações entre este personagem e seu entorno, desta envolvimento **pela** e **com** a paisagem, encontramos um sertão em contínuas transformações, transmutando a paisagem real em paisagem mítica. Para Riobaldo, **é** através dos seus lugares, vividos segundo suas afeições e as suas responsabilidades, que ele próprio engendra reflexões sobre o seu mundo vivido, de caráter universal, versando sobre a dialética do sentido das relações de dependência e independência, aprisionamento e liberdade: “*O sertão não tem janelas nem portas. E a regra é assim: ou o senhor bendito governa o sertão, ou o sertão maldito vos governa...* (GS:V, 1985: 462).

Riobaldo apreende um conhecimento das várias faces do sertão - uma paisagem física que influencia não somente a vida no sentido ecológico, como também estimula emoções que não obedecem a regras pré-estabelecidas, em relacionamentos que variam diametralmente nas formas de perceber, interpretar e estruturar a paisagem, agora interpenetrada em suas distintas dimensões do vivido, permitindo vislumbrar diferentes horizontes.

Ao extrapolar os limites da simples experiência ambiental material, concreta da pessoa com o meio ambiente, observamos um diálogo infinito entre Natureza e seres humanos – percepções, interpretações, representações: imagens, vivências, valores... Sob esta visão, o Grande Sertão é um espaço palmilhado de lugares à medida que o personagem constrói, estrutura e organiza seus pontos de localização, construindo sua paisagem vivida, resguardando em si o valor do significado das mesmas:

*Eu dou proteção. Eu, isto é, - Deus, por baixos permeios...Essa não faltou também à minha mãe, quando eu era menino, no sertãozinho de minha terra – baixo da ponta da Serra das Maravilhas, no entre essa e a Serra dos Alegres, tapera dum sítio dito do Caramujo... Perto de lá tem vila grande – que se chamou Alegres – o senhor vá ver. Hoje mudou de nome, mudaram. Todos os nomes eles vão alterando. É em senhas... Como é que podem remover uns nomes assim? O senhor concorda? Nome de lugar onde alguém nasceu, devia de estar sagrado. (GS:V, 1985:39).*

A partir dos sentimentos topofílicos e topofóbicos, o sertão se torna um grande lugar, valioso, de intensa sacralidade, que se restringe ou se expande em função das vivências de Riobaldo, mostrando-se favorável ou não, benigno ou maligno à experiência da familiaridade, com referenciais profundamente específicos e conhecidos, relacionados a concretude de suas espacialidades. Por outro lado, mostra-se como um sertão completamente diferente na natureza de suas percepções e interpretações, enigmático, onde os homens necessitam desenvolver um senso de orientação e conhecimento geográfico muito além do meramente comum para garantirem tão somente a própria sobrevivência. Para dominarem estas situações sertanejas, é necessário que se desenvolva um esforço sobre-humano, em tentativas de reorganização de suas próprias estruturas interiores durante as muitas travessias nesta paisagem sertaneja:

*Veredas. No mais, nem mortalma. Dias inteiros, nada, tudo o nada – nem caça, nem pássaro, nem codorniz. O senhor sabe o mais que é, de se navegar sertão sem rumo sem termo, amanhecendo cad amanhã num pouso diferente, sem juízo de raiz? Não se tem onde se acostumar os olhos, toda firmeza se dissolve. Isto é assim. Desde o raiar da aurora, o sertão tonteia. Os tamanhos. A alma deles. (GS:V, 1985:294)*

“Os tamanhos”... O sentido pleno da espaciosidade, segundo a percepção e a interpretação de Riobaldo. As condições do conhecer e do desconhecer simultaneamente este sertão que assume gradualmente um simbolismo de liberdades, de vastidões, que se apresentam num delicado equilíbrio de movimentos através de suas trilhas exteriores e veredas interiores, tornando a vida, em suas diversas formas ou manifestações, vulnerável, desprotegida, ameaçada, em risco, exposta, mas, sobretudo, e em certo sentido, liberta.

É o Grande Sertão em movimentos, expressando distâncias que implicam grandes separações e rupturas, e que levam a territórios ou mundos desconhecidos, de espaços indefinidos, por vezes, até mesmo contrastantes em face dos panoramas que se possam descortinar. Ainda mais, é o Grande Sertão que, embora restrito às demarcações geográficas de uma região do país, se transforma em horizontes ilimitados, sucessivos para Riobaldo, em uma continuidade de processos de

descobertas e redescobertas, de atribuição de significados e ressignificados às mesmas paisagens, mediante as construções e desconstruções de suas imagens e dos valores de seus simbolismos.

Encontramos um sertão conhecido por poucos seres humanos, talvez por aqueles que consigam sentir intimamente as sensações e emoções e sentimentos que esta paisagem venha despertar por meio da experiência direta ou indireta; ou compreendê-lo através das expressões interiorizadas dos seus próprios sentimentos e, exteriorizadas mediante gestos e ações, oscilando entre maneiras formais e informais, autênticas ou não, de comungarem a essência do ser e das alteridades e identidades paisagísticas deste sertão:

*O sertão é do tamanho do mundo. (GS:V, 1985:68)*

*Assim, é como conto. Antes conto as coisas que formaram passado para mim com mais pertença. Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredazinhas. (GS:V, 1985:93)*

No romance, este espaço/sertão que ninguém sabe, ou conhece, com exclusão de raras pessoas, é ainda um sertão/espaço que absorve os seres humanos, dispersando seus grupos à semelhança da localização difusa, aleatória, de suas veredas. Sob este prisma, torna-se um espaço dos movimentos da vida de seus homens, que tem o poder de libertar ou oprimir, levando os mesmos a perceber e interpretar as paisagens, naturais ou construídas, fortemente humanizadas ou não, de matizes topofílicos ou topofóbicos, em consonância com a realidade ambiental pela qual passam nos diferentes episódios da trama.

Assim para Riobaldo, o espaço do Grande Sertão consiste também em um espaço de substrato para a vida, que nutre e protege seus filhos, mas que também sentencia perdas, decreta a morte em incidentes escondidos, camuflados, dissimulados, perigosos sem o parecerem:

*O sertão não chama ninguém às claras; mais, porém, se esconde e acena. Mas o sertão de repente se estremece, debaixo da gente... (GS:V, 1985:487)*

*O senhor faça o que queira ou o que não queira – o senhor toda-a-vida não pode tirar os pés: que há-de estar sempre em cima do sertão. O senhor não creia na quietação do ar. Porque o sertão se sabe só por alto. Mas, ou ele ajuda, com enorme poder, ou é traiçoeiro muito desastroso. O senhor... (GS:V, 1985:497)*

Estas formas de experienciar, perceber e interpretar a paisagem sertaneja insinua ainda, através da idéia dos seus movimentos, o sentido de uma nova dimensão que abarca o sentido do tempo e também contribui para o personagem reencontrar na paisagem os símbolos e sinais que demarcam as trajetórias de sua história – Riobaldo Tatarana, Chefe Urutu Branco, Riobaldo de Diadorim, Riobaldo, um rio perdido (rio baldo), Riobaldo das barrancas de um rio calmo - ao reviver suas travessias por meio de suas lembranças sendo que a propósito da memória, Bosi (1994:413) recorda-nos a idéia apresentada por Halbwachs de que “*cada memória individual é um ponto de vista da memória coletiva*”, tendo a multiplicidade a característica fundamental da identidade social de um ser humano.

Neste romance rosiano, as extensões das terras do Grande Sertão “*desentendem de tempo*”, segundo Riobaldo, sendo que suas travessias pessoais são fortemente delineadas por pensamentos e pareceres reflexivos, onde o espaço e o tempo campeiam entre as áreas de domínio da objetividade e da subjetividade, manifestadas e projetadas nas travessias geográficas, em seus aspectos psicológicos e míticos que marcam a realidade sertaneja. Para Tuan (1983:146), “*o espaço e o tempo coexistem, se entremesclam e cada um deles é definido de acordo com a experiência pessoal. Toda a atividade gera uma estrutura espaço-temporal especial, porém, raramente esta estrutura aparece na consciência*”.

Vislumbrando esta perspectiva, o sertão entrelaça os sentidos de espaço e tempo, pois se movimenta ciclicamente, guardando posições que embora possam mudar e transmutar suas realidades, a diversificação de suas paisagens cria horizontes circundantes, limitando tanto o sentido do “*sem-fim*” deste espaço como a conotação de eternidade do seu tempo, e, conseqüentemente, influenciando a mudança de alguns dos valores atribuídos à paisagem.

Deste modo, a vida dos homens do grande sertão é forjada **em** e **sobre** um espaço de sucessivos horizontes que descortinam paisagens naturais e construídas, e também se desdobram em horizontes de espaço-tempo a serem vividos, com imagens que levam a veredas que escondem possíveis futuros, mediadas pelos movimentos temporais:

*...e muitas idas marchas: sertão sempre. Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera: digo. Mas saímos, saímos. Subimos. Ao quando um belo dia, a gente parava em macias terras, agradáveis. As muitas águas. Os verdes já estavam se gastando. Eu tornei a me lembrar daqueles pássaros. O marrequim, a garricha-do-brejo, frangos-d'água, gaivotas. O manuelzinho-da-crôa! Diadorim, comigo. As garças, elas em asas. O rio desmazelado, livre rolator. E aí esbarramos parada, para demora, num campo solteiro, em varjaria descoberta, pasto de muito gado. (GS:V, 1985:267)*

No espaço do grande sertão, o sentido de tempo, ou seja, o significado da dimensão temporal é muitas vezes evocado pelas imagens das águas correntes, das mudanças sazonais visíveis na paisagem, e que se constituem nos indicadores atitudinais e condutuais concernentes à experiência ambiental de Riobaldo em relação ao seu espaço vivido, refletida até mesmo em sua própria linguagem e identidade pessoal, ao expressar sua interpretação dos movimentos, dos recuos e avanços de sua história de vida neste espaço-sertão. O aspecto espaço-temporal torna-se, então, fundamental durante a narrativa, trazendo-nos uma das perspectivas experienciais que apresentam ou falam de um espaço interiorizado, presente nas recordações do personagem, resgatando a visibilidade as imagens e o significado do seu mundo vivido: “Ah, eu estou vivido, repassado. Eu me lembro das coisas, antes delas acontecerem... Com isso minha fama clareia? Remei vida solta. Sertão: estes seus vazios.” (GS:V, 1985: 29).

O tempo de Riobaldo, passado-futuro, e a eterna travessia do presente, mediando atitudes, interiorizando um mundo-sertão, delineiam-se como o espaço experiencial estruturado e definido em relação aos significados dos sentimentos e valores mais pessoais ou mais universais, concernentes à reflexão sobre toda e qualquer história de vida.

Este sertão passa a se enraizar no mais recôndito interior de Riobaldo, formando um mosaico de paisagens e lugares, “*alinhavado*” segundo o “*signo e o sentimento*” inerentes a cada recordação, encontrando na articulação da palavra e do pensamento a objetiva expressão de um estado de alma projetado na paisagem – “*Sertão: estes seus vazios*”. Vazios de uma paisagem interiorizada em um ser humano que, por um momento de sua vida, se encontrou desistindo de tudo, construindo uma identidade pessoal neste ínterim, fundada nas próprias paisagens do sertão, consideradas por ele tão solitárias em sua calma telúrica, ao calar e selar destinos e modos de ser em Riobaldo: “*Sertão é o sozinho. Compadre meu Quelemén diz: que eu sou muito do sertão? Sertão: é dentro da gente*” (GS:V, 1985: 289)

Assim, o espaço indefinido em sua vastidão, em sua espaciosidade, interioriza-se, determinando de certo modo a própria identidade do personagem, transmutando-se, tão somente pelos sentimentos ou pelas emoções, em um lugar, ou seja, uma *pausa*, que transcende a geografia regional do grande sertão, ao se tornar centro provisório de um mundo: o *Grande Sertão*. Pausa que permite a Riobaldo tomar o sertão como ponto focal de uma reflexão sobre o significado de sua vida, ou sobre a intensidade e o valor de uma imagem de lugar, permanecendo como um sertão vivificado pelas cores, imagens e força dos sentimentos para sempre, a cada lembrança evocada.

Nestas paisagens, centros e cenários de sua história de vida, os lugares são criados e recriados num mesmo espaço, onde as imagens percebidas e armazenadas na memória, se estabelecem de forma transitória e pessoal, segundo Tuan (1983), construindo ambiências de características muito especiais e individualizadas, num sertão que “*é sem lugar*”, conforme uma das interpretações de Riobaldo. Estas relações fundamentadas na ambiência dos lugares e nas próprias relações humanas evocam imagens de um sertão onde os lugares são vivenciados essencialmente, no

ritmo das travessias de cada ser humano, isto é, têm suas construções a partir de pausas nas vidas - as “*paranças*” de cada personagem desta saga rosiana.

Por outras vezes, estas relações com a paisagem, o espaço e os lugares, revelam a origem, ou a permanência de suas imagens nos momentos de “*sonhação*”, despertadas pelo desejo, presente no coração de Riobaldo, de rever alguns recantos deste sertão, arraigando em seu íntimo as paisagens mais significativas deste espaço vivido. Neste prisma, a paisagem do Grande Sertão passa a ser referência primacial, tanto para a dimensão de espaço interiorizado, levando o personagem a avaliar e dimensionar suas distâncias, espaciais, temporais, objetivas ou subjetivas. Ao pontilhar este espaço do sertão com referenciais variados, Riobaldo provoca a precipitação de sentimentos extremamente diferentes, mas, de certo modo, semelhantes, quanto à intensidade e força dos sentimentos e emoções ligados a topofilia, hidrofília e biofília, experienciadas mediante suas vivências e travessias pelo grande sertão.

Através destas análises e comparações, observamos que o espaço e os lugares que se relacionam diretamente à vida de um ser humano não se inscrevem somente em um nível espacial de valores, conhecimentos ou escalas geográficas, ou ainda de paisagens naturais ou construídas existentes, pois dependem antes de qualquer coisa, para ter um real sentido da força do “*vivido*”, da definição da carga afetiva que os revestem de significados, ampliando a variação dos aspectos considerados na avaliação da interpretação da experiência ambiental, seja individual ou coletiva.

O sertão ao se converter em lugar, embora não deixe de todo a sua contraparte de “*ser espaço*”, pois, segundo Tuan (1983: 165), “*o lugar existe em escalas diferentes*”, constitui-se num lugar de escala média, onde o rio São Francisco, simultaneamente espaço de travessias pelas dimensões geográficas e míticas do romance, e demarca o centro deste mundo vivido representado pelo Grande Sertão – pontos axiais de verticalidades que unem Caos e Cosmos, estabelecendo desta maneira o valor universal das imagens paisagísticas deste Grande Sertão.

Entretanto, outros referenciais sobre os lugares menores deste universo sertanejo variam em graus de visibilidade e significância, determinando distintos relacionamentos topofílicos ou topofóbicos com a paisagem, de acordo com as intenções, ou os sentimentos de Riobaldo: “*O que vale, são outras coisas. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam*” (GS:V, 1985:92)

Para o personagem, o sertão é um lugar de valores que perduram, resguardando e velando imagens dos movimentos de sua história de vida. Mas também é um lugar de transitoriedades sociais e culturais, sendo estes aspectos profundamente imbricados, projetados e estruturados na organização do espaço regional, incluindo suas singularidades locais. Os Gerais, que envolvem e se deixam envolver, tornam-se um lugar que se confunde com os modos de ser dos seus habitantes, em composições paisagísticas variadas, mas que persistem e permanecem através da compreensão dos sentimentos, da expansão das percepções de suas próprias realidades ambientais,

abarcando todo este espaço sertanejo para interiorizar no íntimo destes seres humanos, a consciência e a identidade de pertencer a um lugar, enraizar-se...

E o sertão-lugar pode ser também considerado como um espaço de pausas no movimento porque, mediante as travessias, encontramos os movimentos que implicam a perspectiva do tempo. Nestas passagens também encontramos as paradas, as pausas que determinam e incidem no ritmo destas andanças. Estas pausas, sob a visão de Tuan (1983:11), ao se constituírem em lugares menores, representam “*marcos no tempo rotineiro e circular*” que levam à atribuição de valores específicos, mas revestidos da unidade do lugar maior – o Grande Sertão.

Enquanto represente um lugar maior, a região geográfica compreendida pelo grande sertão não é estabelecida ou estruturada de maneira idêntica àquelas relativas aos lugares ou às paisagens mais íntimas, especiais, familiares que se relacionam ao espaço vivido de um indivíduo, com seus limites bem delineados, visíveis, mas com liames nem sempre tangíveis. Para Tuan (1983:202), isto acontece justamente porque, “*com o tempo, a sensação de lugar se estende além das localidades individuais para uma região definida por essas localidades*”; Sendo assim, a região pode se converter em um lugar, ou, então, despertar a sensação de lugar, por si mesma.

Por tais razões, a região no sentido de espaço vivido abriga em seu interior diferentes lugares que podem mudar ou permanecer estáveis, tanto quanto ao valor como ao *status* com o decorrer dos anos, ou ainda por súbitos e repentinas acontecimentos que possam ocorrer durante a existência de uma pessoa. Tuan (1983:203), referindo-se ao estabelecimento dos circuitos de movimentos organizados no espaço, bem como de suas pausas, afirma que o “*padrão de movimento ainda pode expandir-se e aumentar sua constelação de lugares*”, se considerarmos a inevitável diminuição do mesmo em relação ao declínio das atividades rotineiras ou excepcionais dos seres humanos, por motivos diversos, ou pelas limitações e restrições impostas pela própria passagem dos anos de vida.

Para Riobaldo, o grande sertão guarda na profundidade das miríades de suas paisagens e de seus lugares uma história que possui um valor considerável conferido pelo tempo, pois o sertão é *todo o lugar* de sua própria vida e, por conseqüência, reduto final e único, de todas as suas lembranças:

*...todas as minhas lembranças eu queria comigo. Os dias passados vão indo em fila para o sertão. (GS:V, 1985:290)*

*Mas o sentido o tempo o senhor entende, resenha duma viagem. Cantar que o senhor fosse. Se ai, de mim. Namorei uma palmeira, na quadra do entardecer...(GS:V, 1985:562)*

Num contraponto, entre pausa e movimento, o sertão “*sem lugar*” transmuta-se, através do sentimento, da afetividade, em lugar, onde estão registrados e consolidados em cada elemento paisagístico os símbolos de um longo passado, com todas as significâncias e insignificâncias de seus espaços, servindo como marcos permanentes no conjunto das paisagens conhecidas por Riobaldo, com toda a força e grandeza do seu “*signo e sentimento*”.

### **Contraponto**

O tempo torna os espaços não-conhecidos, estranhos, indiferentes, não-amados, em lugares que, segundo Tuan (1983:221), são concretos, cheios de significados em suas essências, pois “*muita coisa é aprendida, mas não através da instrução formal*”. Aprendemos a desenvolver, em certo sentido relativo, um verdadeiro senso de aventura, de menor ou maior grau, de qualidade superior e refinada, quando experienciamos os espaços em sua infinitude de aspectos.

Podemos “pensar” estes espaços, “conquistar” a multiplicidade de seus lugares exteriores e interiores, como também sermos conquistados pelos mesmos, em relações que se estabelecem através do sentir e do compreender a paisagem, em termos do significado da experiência que é *estar no mundo*. A dimensão abrangida pelo sentido do estar necessita da compreensão e do entendimento do que é o *ser* ou o *ter* este mesmo espaço, em processos de identificação e dominação desenvolvidos, vivenciados sob diferentes graus de amplitude e intensidade pertinentes à dimensão objetiva e subjetiva.

Necessitamos analisar mais atentamente as formas de experiência ambiental, as variações dos níveis perceptivos, o modo como são interpretadas, os papéis dos filtros sociais e culturais, a riqueza das representações, as questões ligadas a gênero e faixas etárias, entre outros aspectos. Na realidade, em concordância com Tuan, necessitamos sistematizar as experiências humanas com o espaço e o lugar, recuperando o valor da variedade e da complexidade de sua natureza e da perspectiva experiencial, num contraponto entre o sentido de espaço e o de tempo, principalmente em termos de éticas ou normas de atitudes ou condutas fundamentadas na identidade cultural de cada pessoa, seja como indivíduo ou parte de um grupo.

Tuan (1983), ao considerar os movimentos e as pausas da dimensão espaço-temporal humana como pontos do desenvolvimento do sentido de espaço e de lugar, respectivamente, nos apresenta uma forma de percepção e interpretação do meio ambiente, de conotações holísticas, apoiadas sobre a base da experiência ambiental. Discorrer sobre o sentido de espaço e de lugar à luz das idéias e conceitos expostos por este autor já é em si uma experiência sobre múltiplas ambiências, conhecidas por nós de modo imediato ou não, mas sempre por um conhecimento mediado por uma aura de identidades universais que não conhecem limites ou fronteiras relativas ao próprio espaço-tempo, pela razão de que constituem paisagens de histórias vividas, tornando-se o **espaço vivido**.

Ao relacionarmos os cenários paisagísticos descritos no romance “*Grande Sertão: Veredas*”, encontramos um grande sertão que se traduz em *movimento-espaco* e *pausa-lugar*, onde o contraponto se manifesta pelas vivências - “*signo e sentimento*” impregnando o espaço vivido por Riobaldo, numa relação mais eterna, estabelecida entre Homem e Natureza.

Para este personagem, a concepção do *mundo-sertão* é, efetivamente, alguma coisa de intenso significado, definindo, inspirando uma série de analogias com os elementos da paisagem deste *grande espaço/Grande Sertão*, ao resgatar e reencontrar a própria identidade de sua vida, articulando, conectando dimensionamentos pertencentes à razão e ao sentimento, à paisagem geográfica e à paisagem da saga, interpondo diante de nós espaços e lugares concretos e imaginários simultaneamente, e a realidade concreta e a realidade mítica:

*De tudo não falo. Não tenciono relatar ao senhor minha vida em dobrados passos; servia para que? Quero é armar o ponto dum fato, para depois lhe pedir um conselho. Por aí, então, careço de que o senhor escute bem essas passagens: da vida de Riobaldo, o jagunço. Narrei miúdo, desse dia, dessa noite, que dela nunca posso achar o esquecimento. O jagunço Riobaldo. Fui eu? Fui e não fui. Não fui! - porque não sou, não quero ser. Deus esteja!* (GS:V, 1985: 202)

Riobaldo narra sua história de vida marcando o sertão dos Gerais com os geossímbolos próprios de suas travessias – rio Urucuia, “*rio meu de amor*” (GS:V 1985: 68); rio São Francisco “*partiu minha vida em duas partes*” (GS:V, 1985: 289); chapadão, “*céu de ferro*” (GS:V, 1985: 433); manuelzinho-da-crôa, “*o passarim mais bonito*” (GS:V, 1985: 133-134), suave presença de Diadorim, “*os rios verdes*” (GS:V, 1985: 289); os buritis “*ramagem e amar em água*”, “*quer todo azul, e não se aparta de sua água – carece de espelho*” (GS:V, 1985: 289); “*Perto de muita água, tudo é feliz*” (GS:V, 1985: 28).

Conforme os *movimentos/espacos* e as *pausas/lugares* da perspectiva experiencial apresentada por Tuan (1983), torna-se possível estabelecermos outras relações, tendo em vista que espaço e lugar não são realidades adversas, opostas, mas complementares e referentes às distintas formas de conhecer e experienciar uma paisagem, no caso, o sertão dos Gerais, o “*Grande Sertão*”, mundo e espaço vivido:

*O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucuia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior? Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive sue cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade. O*

*Urucuia vem dos montões oeste...O Gerais corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe; pão ou pães, é questão de opiniões...O sertão está em toda a parte. (GS:V, 1985:8-9)*

Através de suas paradas, pausas, Riobaldo desenvolve uma ligação afetiva com os diversos lugares desta paisagem, seja de conotações topofílicas ou topofóbicas, respectivamente, como podemos observar nas descrições do rio Urucuia e do Liso do Suçuarão :

*Ah, o meu Urucuia, as águas dele são claras certas. E ainda por ele entramos, subindo légua e meia, por isso pagamos gratificação. Rios bonitos são os que correm par o Norte, e os que vêm do poente – em caminho para encontrar com o sol. E descemos num pojo, num pojo sem praia, onde essas altas árvores – a caraíba-de-flor-roxa, tão urucuiana. E o folha-larga, o aderno-preto, o pau-sangue; o pau-paraíba, sombroso. O Urucuia, suas abas. E vi meus Gerais. (GS:V, 1985: 286)*

*Eu, abaixava os olhos, para não reter os horizontes, que trancados não alternavam, cincunstavam. Do sol e tudo, o senhor pode completar, imaginado; o que não pode, para o senhor, é ter sido, vivido. Só saiba: o Liso do Suçuarão concebia silêncio, e produzia maldade – feito pessoa! (GS:V, 1985: 47)*

*(...) feio mundo, por si, exagerado. O chão sem se vestir, que quase sem tufos de capim seco em apraz e apraz, e que se ia e ia, até não-onde a vista não se achava e se perdia. Com tudo, que tinha de tudo. Os trechos e plano calçado rijo: casco fere faíscas – cavalo repisa em pedra azul. Depois, o frouxo, palmo de areia cinza em-sobre pedras. E até barrancos morretes. A gente estava encostada no sol (GS:V, 1985: 474)*

De acordo com a apreensão do sentido de lugar, observamos uma transformação do espaço original que envolve o personagem para torná-lo uma paisagem de sensualidades próprias, propiciando um envolvimento, marcado por expressões e interpretações revestidas de profundos significados. Ao desenvolver laços afetivos com a paisagem, Riobaldo constrói e descobre seus lugares (ou redescobre por meio da percepção de Diadorim), vivenciando-os mediante uma sensualidade inerente às experiências topofílicas, captando as imagens de seus lugares, através do olhar e dos sentimentos, e guardando as mesmas na memória:

*Lugar perto da Guararavacã do Guaicuí. Tapera Nhã, nome que chamava-se. Ali era bom? Sossegava. Mas, tem horas em que me pergunto: se melhor não seja a gente tivesse de sair nunca do sertão. Ali*

*era bonito, sim senhor. Não se tinha perigos em vista, não se carecia de fazer nada. (GS:V, 1985:267-268)*

*Mas foi nesse lugar, no tempo dito, que meus destinos foram fechados. Será que tem um ponto certo, dele a gente não podendo mais voltar para trás? Travessia de minha vida. Guararavacã - o senhor veja, o senhor escreva...*

*Aquele lugar, o ar. Primeiro, fiquei sabendo que gostava de Diadorim – de amor mesmo amor, mal encoberto em amizade... Melhor alembro. Eu estava sozinho, num repartimento dum rancho, rancho velho de tropeiro...O rancho era na borda-da-mata. De tarde, como estava sendo, esfriava um pouco, por pejo de vento – o que vem da Serra do Espinhaço – um vento com todas as almas...Me deu saudade de algum buritizal, na ida dum vereda em capim tem-te que verde; saudade dos Gerais. O senhor vê: o remôo do vento nas palmas dos buritis todos, quando é ameaça de tempestade. Alguém esquece isso? O vento é verde. Aí, no intervalo, o senhor pega o silêncio põe no colo. Eu sou donde eu nasci. Sou de outros lugares. Mas, lá na Guararavacã, eu estava bem. (GS:V, 1985: 270-271)*

Através de sua experiência com e na paisagem do sertão, Riobaldo constrói seus lugares, devolvendo a si, nos momentos de suas recordações, uma interpretação renovada de sua história de vida, revestindo de novos significados seu espaço vivido e suas experiências ambientais. Ao atribuir ao espaço vivido uma nova percepção e interpretação dos seus conteúdos simbólicos, desvenda também traços da identidade paisagística e territorial destes lugares que, basicamente, de acordo com Relph (1976:47), têm sua composição estruturada em três fatores: (1) conjunto físico (estático); (2) atividades humanas, e (3) significados, todos intensamente dinâmicos em seus processos.

Entretanto, estes três componentes básicos são vivenciados sob as mais diversas combinações, dependendo da significância do contexto que se apresente, tanto no sentido das intenções como no das experiências. Até o desenlace final da narrativa de Riobaldo, observamos uma permanente reestruturação do seu espaço vivido, mediante as formas de conhecer, perceber e interpretar os componentes que formam, que caracterizam a identidade paisagística do Grande Sertão como um *grande/lugar*.

Por sua vez, esta reestruturação e re-interpretação apresentam por intermédio dos geossímbolos, as mudanças ou modificações totais ou parciais, imediatas ou não, conscientes ou intuídas e pressentidas em suas mensagens, em conformidade com os acontecimentos de maior ou menor relevância que marcam a trajetória sertaneja da vida de Riobaldo. Na distinção dos vários espaços e lugares em virtude de suas experiências ambientais, o personagem distingue, ao mesmo tempo, diferentes valores para os símbolos destas paisagens.

Estas distinções levam Riobaldo, já em sua velhice, a um novo reencontro com o sentido do seu espaço vivido, onde, ao considerar suas vivências passadas e presentes, redescobre o significado do seu *mundo vivido* – o *Grande Sertão*, expandindo a relação ser humano-paisagem numa crescente e profunda complexidade que para Dardel (1952) leva à permanência do sentido da geograficidade, revelando faces conflitantes, em diálogos de perplexidades e certezas:

*O senhor escute meu coração, pegue no meu pulso. O senhor avista meus cabelos brancos...Viver – não é? – é muito perigoso. Por que ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo. O sertão me produz, depois me engoliu, depois me cuspiu do quente da boca...O senhor crê minha narração? (GS:V, 1985: 546)*

O sentimento de pertencer a este sertão, de **ser** parte, de enraizar-se constituem aspectos da experiência ambiental, que ao ser elaborada psicologicamente, nos níveis cognitivo, perceptivo, afetivo e interpretativo, leva Riobaldo a ponderar sobre seus vários aprendizados e os diferentes lugares deste Grande Sertão, tanto do ponto de vista geográfico, funcional, material, como naqueles pontos relacionados ao caráter existencial. A importância atribuída aos cenários paisagísticos de sua vida vincula aspectos topofílicos e topofóbicos às diferentes paisagens que, mediante seus significados especiais, convertem as experiências em vivências, permitindo a permanência de determinados valores, imagens e atributos paisagísticos, e em outros momentos, conduzindo a transformações e mudanças sucessivas, dependendo da intencionalidade das ações. No entanto, estes níveis de permanência e de transformação estão sempre correlacionados à apreensão de um novo conhecimento ou de uma nova percepção, resultantes da natureza do experienciar cada lugar do grande sertão, analisado como uma paisagem que se constitui em um centro de significância e referências para Riobaldo, pois trata-se de um espaço organizado e reconhecido através e a partir do seu olhar.

Desta forma, as principais realidades ambientais dos Gerais para Riobaldo, são concernentes à compreensão do espaço vivido, alcançando uma subjetividade engendrada pela própria atitude de experienciar e valorar a paisagem, contexto que propicia a construção de um universo de significados múltiplos, dependentes da contingência dos fatos excepcionais ou rotineiros ocorridos durante a vida do personagem.

Sob esta visão, o Grande Sertão – os Gerais se torna uma paisagem visível de sentimentos e intimidades, ou ainda centro dos destinos de Riobaldo e Diadorim, conservando em cada um dos elementos componentes da paisagem, a identidade, o “*genius loci*” do lugar maior – o Grande Sertão e suas Veredas, à semelhança de um micro-cosmo. Durante a narrativa de suas lembranças, o reencontro com a paisagem concreta se mescla às paisagens da memória de maneira intensamente pessoal e significativa, levando o personagem a incorporar a identidade de *ser sertão*, a ponto

dele mesmo não ser mais distinto de seus lugares, mesclando-se sua identidade pessoal à paisagística, num sentido pleno de pertencimento.

Esta identificação conduz a uma percepção dos vínculos que unem Riobaldo e o Grande Sertão, numa relação que se estabelece em laços de familiaridade, que interioriza a paisagem no seu íntimo, delineando a construção do sentido de lugar como um profundo e complexo centro de manifestação da Vida, durante toda a sua existência. Nestas relações, a unidade dos aspectos da paisagem se expressa em contrapontos, de maneira dialógica, permitindo que as ambiências persistam na memória de Riobaldo numa interatividade entre paisagem concreta e a paisagem da mente, ou seja, estabelece uma superposição e interação dos espaços exteriores e interiores, proporcionando o processo de enraizamento em seu espaço vivido:

*Notícia é coisa que se tira, a desejo, do fim do sol? Tristeza é notícia? Tanto eu tinha um aperto de desânimo de sina, vontade de morar em cidade grande. Mas que cidade mesma grande nenhuma eu não conhecia, digo. Assim eu aproveitei para olhar para a banda de donde ainda se praz qualquer luz da tarde. Me lembro do espaço, pensamentos em minha cabeça. O riacho cão, lambendo o que viesse. O coqueiro se mesmando. A fantasia, minha agora, nesta conversa – o senhor me atalhe. Se não, o senhor me diga: preto é preto? Branco é branco? Ou: quando é que a velhice começa, surgindo de dentro da mocidade. Noitezinha viemos. Primeira coruja que a ãoar, eu era capaz de acertar nela um tiro. (GS:V, 1985: 230)*

A interpretação e compreensão do espaço vivido do Grande Sertão: Veredas, ao ultrapassar a experiência imediata, concreta, atinge uma subjetividade engendrada pelas próprias vivências de Riobaldo, e assim, tem sua paisagem humanizada, com seus geossímbolos demarcando territórios concretos e imaginários, porém, partes da realidade ambiental deste universo sertanejo. Ao se constituir em uma paisagem dominada e organizada por forças e poderes nem sempre compreendidos em suas essências por Riobaldo (as veredas de Deus ou do Demônio), a percepção e a interpretação destes espaços e lugares vai passando por transformações sucessivas, amalgamando experiências relacionadas às realidades manifestadas e às realidades manifestantes:

*Tudo o que já foi, é o começo do que vai vir, toda a hora a gente está num compito. Eu penso é assim, na paridade... O demônio na rua... Viver é muito perigoso; e não é não. Nem sei explicar estas coisas. Um sentir é o do sentente, mas outro é o do sentidor. (GS:V, 1985:291)*

Analisando o espaço vivido do Grande Sertão, sob as perspectivas da visão de Dardel (1952), é justamente através de suas vivências que Riobaldo representa um elo que

une e dá sentido ao imbricado conjunto dos elementos da paisagem, mesmo quando algum destes se manifesta como elemento sutil e difuso, intangível, mas permanente, trazendo-nos uma Geografia que empresta seus símbolos às dimensões mais interiores do Homem.

Assim, quatro espaços – telúrico, aquático, aéreo e construído – se unificam em uma só paisagem vivida, os Gerais, dando visibilidade aos lugares do Grande Sertão, na busca de um significado e de valores relacionados às condições de vida dos seres humanos e sua interdependência da Terra – *substrato* e *nutriz* de nossa própria existência, na concepção de Dardel (1952), assegurando a permanência de nossas paisagens: o sentido pleno do sentimento e dos laços inerentes à geograficidade, por entre movimentos e pausas na busca contínua e tão acalentada do sentido e significado de todas as nossas travessias sobre a Terra.

## **Bibliografia:**

AB'SABER, A.N. *A organização natural das paisagens inter e subtropicais brasileiras*, In FERRI, M.G. (Org.), **II Simpósio sobre o cerrado**. São Paulo: EDUSP, 1971, p.1-14.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Tao, 1979.

BUTTNER, A. and SEAMON, D. (ed.) **The human experience of space and place**. London: Croom Helm, 1980.

BUTTNER, A. *Apreendendo o Dinamismo do Mundo Vivido*, In CHRISTOFOLETTI, A., **Perspectiva da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1985, pp. 165-193.

DANSEREAU, P. **Inscape and landscape: the human perception of environment**. New York: Columbia University Press, 1975.

DARDEL, E.. **L'homme et la terre: nature de la réalité géographique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.

FERREIRA, S. T. L. *Travessia geográfica pelo "Grande Sertão: Veredas"*, **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, PUC/MG, vol.4, n.5, p.31-39, dez/1993.

LIMA, S. T. **A percepção geográfica da paisagem dos Gerais no 'Grande Sertão: Veredas'**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro/SP, 1990.

FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Almedina, 1980.

GUIMARÃES, S. T. L. **Imagens de lugar: um estudo de percepção, interpretação e representação do meio ambiente**. Relatório Final de Atividades Científicas/FUNDUNESP, agosto 2004.

GUIMARÃES, S. T. L. *Dimensões da percepção e interpretação do meio ambiente: vislumbres e sensibilidades das vivências na natureza*, **Percepção e conservação ambiental: a interdisciplinaridade no estudo da paisagem**, **OLAM – Ciência & Tecnologia**. Rio Claro: Aleph Engenharia & Consultoria Ambiental Ltda., vol.4, n. 1, abril/2004, p. 46-64.

GUIMARÃES, S. T. L. *Paisagens e ciganos: uma reflexão sobre paisagens de medo, topofilia e topofobia*, In ALMEIDA, M. G. & RATTI, A. J. P, **Geografia: Leituras Culturais**. ISBN: 85-88253-19-4. Goiânia : Alternativa, 2003, p. 49-69.

GUIMARÃES, S. T.L. *Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental*, **GEOSUL**, Florianópolis, ISSN 0103-3964, vol.17, no. 33, jan-junho/2002, p. 117-141.

GUIMARÃES, S. T.L. *Filigranas de uma paisagem: um estudo sobre a percepção de lugares do medo*, **Percepção ambiental: a interdisciplinaridade no estudo da paisagem**, **OLAM – Ciência & Tecnologia**, ISSN 1519-8693, Rio Claro, vol.1, n.02, novembro/2001, p. 332-372.

LIMA, S.T. *Geografia e literatura: alguns pontos sobre a percepção de paisagem*. **GEOSUL**, Florianópolis, ISSN 0103-3964, vol.15, n.30, p.07-33, 2000.

LIMA, Solange T. *A Percepção da paisagem do Grande Sertão: Veredas*, Programa e Resumos, **II Seminário Internacional Guimarães Rosa**, 27 a 31 de agosto de 2001, CESPUC-PUC/MG, Belo Horizonte, p.114.

LIMA, S. T. de. *Terra, rotas e tendas: sobre a paisagem vivida dos ciganos*, **Caderno de Geografia**, vol. 5, nº 6, dez/1994, pp. 41-47.

LIMA, S. T. **Paisagens & ciganos**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro/SP, 1997.

LUBICZ, R.A. S. de. **Symbol and the symbolic**. Brookline: Autumn Press, 1978.

RELPH, Edward. **Place and Placelessness**. London: Pion Limited, 1976.

RELPH, Edward. **Rational landscapes and humanistic geography**, London: Croom Helm Ltd., 1981.

RELPH, E. *As bases fenomenológicas da geografia*, **Geografia**, vol.7, 1979, pp.01-25.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Landscape of fear**. Oxford: Basil Blackwell, 1979.

WILSON, E. O. & KELLERT, S.R. (eds). **The biophilia hypothesis**. Washington: Island Press/Shearwater Books, 1993.

**RESUMO:** Neste texto desenvolvemos reflexões sobre as múltiplas faces e dimensões da percepção e interpretação ambiental concernentes à paisagem vivida do romance “Grande Sertão: Veredas”, de Guimarães Rosa, buscando os sentidos relacionados ao espaço e lugar, e aspectos pertinentes a topofilia, biofilia e hidrofília.

Palavras-chave: paisagem, percepção ambiental, interpretação ambiental, espaço, lugar, Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas.

**ABSTRACT:** In this text we develop reflections about the multiple faces and dimensions of the perception and environmental interpretation concern to the landscape lived in the romance “Grande Sertão: Veredas”, of Guimarães Rosa, searching for the feelings related to the space and place, and aspects pertinents to topophilia, biophilia and hydrophilia.

Key-words: landscape, environmental perception, environmental interpretation, space, place, Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas.

---

**Este texto é dedicado:**

À velha e querida amiga, Profa. Cleuza dos Santos Melotti, pelos céus rosados das Minas Gerais e de todos os outros lugares;

Ao amigo, Prof. Dr. Antonio Sérgio Bueno, pelas travessias acadêmicas que nos levam a “*terceira margem do rio*”;

À amiga Profa. Dra. Miriam Falótico, pelo mesmo encantamento pelas trilhas do “*Grande Sertão: Veredas*” de Guimarães Rosa;

---

**Informações sobre a autora:**

\* Solange T. de Lima Guimarães

Docente do Depto. de Geografia do IGCE/UNESP, campus de Rio Claro, nos cursos de graduação e pós-graduação [mestrado e doutorado] em Geografia. Docente convidada no Curso de Especialização em Educação Ambiental [CRHEA-EESC/USP, campus de São Carlos].

**Contato:** [hadra@uol.com.br](mailto:hadra@uol.com.br)